

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Gazeta Class.: Tupiniquim 119
 Data 01/08/93 Pg.: _____



Tupiniquins ainda trabalham na fabricação de farinha em Caieiras Velha

Invasão destruiu as culturas

A invasão das terras dos índios no município de Aracruz foi a principal responsável pela perda das características culturais dos tupiniquins, que sofreram reflexos fortes da aculturação e já não falam mais a língua tupy e residem em casas de alvenaria, cobertas de telhas. Apesar da grande contribuição na formação étnica do município, o cacique José Luiz Francisco Lima diz que são muito discriminados. O que fez com que o próprio índio tivesse vergonha de ser ele mesmo. Os moradores das aldeias, que foram se extinguindo com a expansão industrial, foram viver em povoados do município ou na periferia das cidades de Aracruz, Linhares e João Neiva.

A Prefeitura Municipal de Aracruz e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) admitem que há muitos índios nessas condições — mesmo com a miscigenação existente, mas não possuem estatísticas. “Eles trabalham em fazendas, são empregadas domésticas, são funcionários da Prefeitura e da própria Aracruz”, informa Maria Valdeide Xavier, membro do Cimi.

“Perdemos nossa identidade. Muita gente não queria falar a língua, como forma de esconder que era índio. Foram se dispersando com a invasão das terras e muito tempo depois foi que conseguimos nos reunir novamente”, comenta o cacique José Luiz Ramos, 30 anos. “Sempre vivemos no litoral do Brasil e acabamos recebendo grande influência dos brancos. Fomos os primeiros a ter contato com eles”, diz o cacique.

Em Caieiras Velha e Irajá os ín-

dios vivem da agricultura. “Temos a ajuda do Governo do Estado que manda semente, adubo e calcário, porque antes perdíamos todas as sementes porque a Aracruz usa adubo químico que inutiliza o solo”, explica. Em Caieiras Velha há duas escolas, posto médico e os índios se dividem em cristãos que frequentam as igrejas católicas, Assembléia de Deus e Deus é Amor. Muitos índios trabalham ora como pedreiros ora como faxineiros e empregadas domésticas em Coqueiral e em Aracruz. Em Comboios e Pau Brasil vivem só da agricultura.

“Estamos tentando resgatar tudo o que perdemos de nossos antepassados. Se conseguirmos as terras de volta, vamos montar um projeto de reflorestamento com mudas de Mata Atlântica e voltar aos nossos costumes. Colocar animais na floresta, como existiam antes. Hoje temos poucos tatus, veados e gambás, que são difíceis de achar”.

Diferentemente dos tupiniquins, os guaranis em número de 168 vivem em cabanas de barro, cobertas de palhas, na aldeia Boa Esperança. Entre si, falam o Guaraní e se reúnem para os cultos indígenas na Opê — casa de reza, onde fica o pajé. As mulheres, na maioria, não falam o português e o casamento só é permitido entre eles. As crianças também aprendem a língua dos pais e os mais velhos ajudam na confecção de artesanato, cujo rendimento ajuda no sustento das famílias, como nas demais tribos indígenas. Falta saneamento básico e vivem em extrema pobreza.